

REVISITANDO O POTENCIAL DOS QUADRINHOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

RESUMO

De um passado de ampla resistência, o século XXI assiste não apenas ao aumento da produção de quadrinhos no Brasil, mas também à proliferação de pesquisas sobre o meio, realizadas em diversas universidades nos níveis de graduação e pós-graduação, o que vem promovendo o crescimento significativo do número de trabalhos acadêmicos sobre o tema, nas mais diversas áreas do conhecimento (VERGUEIRO; RAMOS; CHINEN, 2013, p. 7-12). Partiremos de uma reflexão acerca do potencial dos quadrinhos enquanto meio educacional, dada sua ampla difusão entre crianças, jovens e adultos. Em seguida, analisaremos as revistas de divulgação científica que circulam ao redor do mundo, nos formatos impresso e eletrônico, concebidas como suporte didático e ferramenta pedagógica, bem como instrumento para a “alfabetização científica” em vários segmentos sociais. O levantamento prévio desse material nos permitiu concluir que, no cenário brasileiro, os quadrinhos de divulgação científica ainda representam um corpo estranho, evidenciado pela quase total inexistência de trabalhos acadêmicos dedicados ao gênero. Embora a utilização dos quadrinhos no ambiente escolar brasileiro, como fonte de pesquisa e construção do conhecimento, já não seja uma novidade, percebemos que a produção desse gênero, no Brasil, tem se dedicado quase exclusivamente às ciências humanas, gerando álbuns como *D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil* (2007) e *As Barbas do Imperador* (2013), sem contar a enorme quantidade de adaptações de clássicos da literatura. Desse modo, pretendemos preencher essa lacuna, comparando o caso brasileiro ao de outros países.

PALAVRAS-CHAVE: histórias em quadrinhos; quadrinhos de divulgação científica; adaptações literárias.

1. Introdução

Até a segunda metade do século XX viveu-se no Brasil certo estranhamento com relação às histórias em quadrinhos (HQs). Consideradas corpos estranhos ao panorama social e educativo, enfrentavam ampla resistência nos círculos acadêmicos. Entretanto, o cenário tem dado claros sinais de mudança nos últimos anos, e hoje parece bastante promissor. Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos e Nobu Chinen, pesquisadores que muito têm colaborado com o campo, chegaram a essa conclusão a partir de um levantamento dos frutos dessa relação quadrinhos/academia. Segundo os organizadores da coletânea *Interseções acadêmicas*, o século XXI assiste à proliferação de eventos científicos e pesquisas sobre o tema, realizadas em diversas universidades brasileiras nos níveis de

graduação e pós-graduação, o que resulta no crescimento do número de trabalhos acadêmicos sobre esse produto cultural, dentre os quais figuram dissertações e teses ligadas às mais diversas áreas do conhecimento (2013, p. 7-12).

Já não restam dúvidas sobre o potencial dos quadrinhos enquanto meio educacional e de divulgação da ciência, dada sua ampla difusão entre crianças, jovens e adultos. Revistas do gênero circulam no mundo inteiro, tanto no formato impresso quanto eletrônico, concebidas não apenas como suporte didático e ferramenta pedagógica para as escolas, mas como veículo para a “alfabetização científica” em vários segmentos sociais. Embora o senso-comum tenha afirmado, por vezes, que os quadrinhos oferecem uma visão distorcida e estereotipada da ciência e dos cientistas, diversos exemplares analisados adiante, alguns de ficção, outros de não-ficção, apontarão para o cuidado com a pesquisa, as referências a conceitos científicos e a linguagem acessível. Também observaremos o interesse manifestado pelo mercado educativo, na atualidade, em relação às adaptações em quadrinhos dos clássicos da literatura.

O presente texto nasceu de pesquisa iniciada no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), em 2009. Tendo em vista a quase total inexistência de estudos dedicados aos quadrinhos de divulgação científica, buscamos preencher essa lacuna. Considerando seu amplo apelo ao público, a avaliação do potencial desse gênero em sua relação com a ciência nos tem levado a almejar terreno na pauta das pesquisas acadêmicas. Num contexto em que a produção nacional de quadrinhos parece crescer, observaremos a utilização desse meio como fonte de pesquisa e de construção do conhecimento histórico. Segundo Eliza Casadei,

é necessário levar em consideração o fato de que as narrativas sobre o passado não estão circunscritas aos professores e pesquisadores de história e que a nossa visão do passado é desenhada através de diversas fontes: não apenas a partir das narrativas dos livros e das aulas escolares, mas também dos romances e filmes históricos, dos jornais, das revistas informativas e das histórias em quadrinhos (CASADEI, 2013, p. 215).

Após delinear um histórico da produção de quadrinhos no Brasil, Fabiano Azevedo Barroso atestou que a primeira metade do século XX parece não ter sido prolífera no que diz respeito a esse tipo de produção. Isso não significa, contudo, que o país não consumisse

quadrinhos naquele período. “De fato, os brasileiros leram muito as histórias em quadrinhos, mas a grande maioria das histórias lidas em nosso território até meados da década de 1950 é formada de material estrangeiro, sobretudo dos Estados Unidos” (2013, p. 92). De acordo com o autor, a primeira adaptação literária publicada no país foi *Tarzan*, HQ realizada pelo norte-americano Hal Foster com base no livro homônimo de Edgar Rice Burroughs. Publicada em capítulos, a partir de 1934, no *Suplemento Infantil* do periódico fluminense *A Nação*, a série reproduziu os desenhos e manteve o texto integral, traduzido do inglês para o português. Entretanto, Barroso sugere que os objetivos dessa adaptação não teriam abarcado intenções pedagógicas, nem intentaram popularizar o texto original: ao contrário, a grande popularidade do texto teria incentivado suas adaptações – tanto para o cinema quanto para os quadrinhos (2013, p. 92). Cristina de Oliveira acrescenta ainda que “a elaboração de uma obra também traz em si ecos da época e do contexto social em que foi realizada” (OLIVEIRA, 2014, p. 40).

2. A Edição Maravilhosa: rumo ao nacionalismo

A transposição de textos para o idioma gráfico dos quadrinhos, sobretudo clássicos da literatura, iniciou-se na década de 40, nos Estados Unidos – então o maior produtor e exportador mundial de *comics*. O ano de 1941 marcou a estreia da famosa *Classics Illustrated*, conhecida primeiramente como *Classics Comics* (BARROSO, 2013, p. 92). De acordo com Borges e Vergueiro, a série se consolidou dentro da indústria e tem sido considerada uma importante iniciativa no que concerne à transposição de obras da literatura mundial para os quadrinhos (2014, p. 58). Para Jones Jr., seu grande mérito foi estimular o primeiro contato de jovens leitores com a literatura clássica (citado por BORGES e VERGUEIRO, 2014, p. 61), como as obras de Júlio Verne e as novelas de Alexandre Dumas. Na década seguinte, a *Classics Illustrated* seria veiculada em mais de trinta países. Fortemente influenciada pelo mercado editorial norte-americano, a Editora Brasil América Ltda. (Ebal), na época a maior editora de quadrinhos do Brasil, passou a traduzir e publicar a *Classics Illustrated* no ano de 1948. A versão brasileira recebeu o nome de *Edição Maravilhosa* pelas mãos de Adolfo Aizen (BARROSO, 2013, p. 93).

Sabe-se que durante boa parte do século XX as histórias em quadrinhos sofreram grande rejeição por parte da sociedade. Nos anos 1950, os quadrinhos foram alvo de críticas, perseguições e medidas judiciais que visavam conter sua disseminação, fundamentadas pelo preconceito e pelo medo de que pudessem, enquanto meros produtos de consumo de massa, ser prejudiciais ao desenvolvimento das crianças (VERGUEIRO, RAMOS, CHINEN, 2013, p. 6). No contexto brasileiro, que também viveu essa rejeição, um dos principais motivos das críticas aos quadrinhos estaria ligado à “onda” massiva de material estrangeiro. Então editor da Ebal, Aizen dedicou-se a uma campanha em defesa dos quadrinhos – vistos como algo potencialmente nocivo por professores, setores da Igreja Católica, jornalistas e escritores (BARROSO, 2013, p. 93).

Em 1950, Aizen iniciou o trabalho de adaptação dos clássicos da literatura brasileira para os quadrinhos, com bastante ênfase nas obras do Romantismo indianista. Em junho daquele ano, o número 24 da *Edição Maravilhosa* trouxe para o público o romance *O guarani*, de José de Alencar, seguido por *Iracema* (1951), *O Tronco do Ipê* (1952) e *Ubirajara* (1952), com desenhos do haitiano radicado no Brasil André Leblanc. A partir de 1953, diversos autores foram adaptados para os quadrinhos, como Joaquim Manuel de Macedo, Ribeiro Couto, José Lins do Rêgo, Bernardo Guimarães, Raul Pompeia, entre tantos outros (BARROSO, 2013, p. 93; 94; BORGES e VERGUEIRO, 2014, p. 58; 75; 76). José Marques de Melo¹ atribui ao álbum da Ebal dedicado a *Casa Grande & Senzala* a responsabilidade pelo enriquecimento do seu capital intelectual, em meados do século passado. “Quem me deu salvo-conduto para continuar lendo gibis foi Gilberto Freyre”, protagonista de nossa história cultural, declarou Melo (citado por VERGUEIRO, RAMOS, CHINEN, 2013, p. 15-18).

Ao optar por temas e estilos literários específicos, como a História do Brasil e o Romantismo, a Ebal revela características de seu contexto social. Tal escolha refletia não apenas os anseios do público leitor no dado momento histórico, como também promovia os anseios da escola brasileira, preocupada em valorizar, de forma ufanista, grandes acontecimentos e personagens da história do país. Nesse sentido, os expoentes da prosa

¹ Coordenador da primeira pesquisa científica sobre histórias em quadrinhos realizada no país, em 1967, quando atuava no curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo.

realista, cronistas do homem comum e ácidos críticos da sociedade como Machado de Assis, não tiveram suas obras adaptadas pela *Edição Maravilhosa*, ainda que a série tenha durado até 1961, com mais de 200 edições publicadas (BARROSO, 2013, p. 94-5).

Embora a produção artístico-cultural brasileira se encontrasse em fase de profusa criação e transformação política nos anos 1950, Eliza Casadei destaca a perspectiva ainda bastante tradicional dos quadrinhos. Séries com temas edificantes e educativos surgem em resposta às críticas e como estratégia comercial para aumentar as vendas. Nesse cenário, destacam-se duas publicações da Ebal: a *Série Sagrada* – com suas narrativas sobre a vida de santos católicos – e *Grandes Figuras em Quadrinhos* – espécie de biografia quadrinizada de personalidades políticas e intelectuais brasileiras. Esta última parece ter sido criada para atender a uma demanda específica, que buscava reforçar a questão da nacionalidade. Para tanto, elevava os grandes feitos dos “heróis” da história nacional. Se por um lado pretendia afastar o fantasma da censura aos quadrinhos – presente nos Estados Unidos –, por outro, em sintonia com os discursos oficiais do governo, apropriava-se do passado com objetivos claramente nacionalistas (CASADEI, 2013, p. 216; 217).

A busca pela formação da identidade nacional brasileira marcou não apenas as primeiras décadas do século XX, como também as décadas subsequentes. Ainda de acordo com Casadei, a questão da identidade perpassa a construção de um ideário de educação a partir da natureza e a ação modificadora através do uso da palavra, temas caros ao Brasil de fins dos anos 50 e início dos 60. A série *Grandes Figuras*, que passa a ser publicada a partir desse período e tem na História política positivista a sua matéria-prima, exhibe os processos de ressignificação a partir dos quais o passado seria transformado em presente na construção das narrativas de evocavam a identidade nacional. Enquanto alegorias da História, essas revistas eram permeadas por elementos que edificavam, através da evocação de determinada figura, a formação de uma identidade nacional bastante conveniente à época de sua publicação (2013, p. 216; 223; 224). A edição de número 17 da série, por exemplo, levava o nome de um ex-presidente brasileiro. Assim, *Getúlio Vargas: o renovador* utilizou-se de elementos que miravam o fortalecimento da alegoria do nacional conveniente ao projeto de nação imaginado pelo então presidente da República Juscelino Kubistchek.

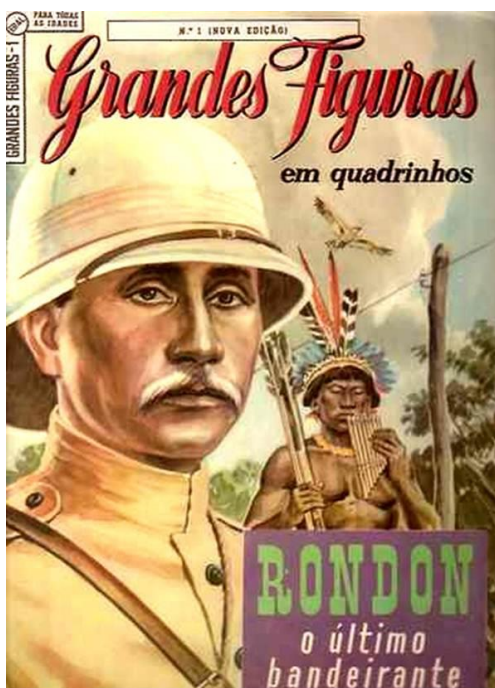


Figura 1 – A edição dedicada a Cândido Rondon, de “Grandes Figuras”.
Fonte: Grandes Figuras em Quadrinhos, n. 1, EBAL, 1957.

3. A nova safra de adaptações literárias

Para além da iniciativa da Ebal, Barroso infere que há muito pouco a se dizer em matéria das adaptações literárias, pelo menos até os primeiros anos do século XXI. A partir de 2006 ocorre uma retomada editorial dos quadrinhos nacionais, originando uma nova safra de quadrinhos do gênero. Segundo o autor, esse processo resultou de dois motivos preponderantes: a sugestão de inserção dos quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), como complementação ao ensino escolar; e a inclusão, a partir de 2006, de revistas e álbuns de quadrinhos nas listas de livros do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), iniciativa do Ministério da Educação de compra e distribuição de livros às escolas públicas do país. Um terceiro motivo para a retomada das adaptações seria uma deficiência que existe, historicamente, no contexto da produção nacional de roteiros para quadrinhos. Esse quadro deficitário existiria também em outros países, como a Argentina:

La crisis de la historieta – opina el artista Carlos Nine – está íntimamente relacionada con una falta de política cultural. No vivimos sólo una crisis del cómic, también de la industria del libro, del cine. Cuando la historieta vivió su etapa de oro, también fueron grandes épocas de las editoriales y de la cinematografía. Hoy, los historietistas toman dos caminos: o renuncian a la identidad nacional y se dedican a realizar superhéroes o cómics pornográficos para ganar mucho dinero en el extranjero; o resisten en pequeños emprendimientos marginales. En estos últimos casos, a veces terminan por conformarse tribus tan cerradas y aisladas, que los trabajos terminan siendo sólo guiños entre sus componentes (GOCIOI; ROSEMBERG, 2003, p. 59).

A ausência de uma indústria brasileira aos moldes dos bem-estruturados mercados norte-americano, europeu e japonês pode ser entendida como a força motriz dessa deficiência, responsável por obras clássicas tornem-se alternativas de “roteiros prontos”. Os álbuns em quadrinhos costumam ser editados a muito custo por editoras pequenas e resistentes, muitas vezes com tiragens limitadas, distribuição lenta e precária. Porém, ao serem selecionados pelo Ministério da Educação, ganham reedições com tiragens muitas vezes maiores. Essa lógica levou o mercado brasileiro de quadrinhos a ser invadido por uma enxurrada de adaptações literárias (BARROSO, 2013, p. 96; 97).

Clássicos da literatura mundial e nacional têm sido adaptados, como *Dom Quixote* (2005), de Cervantes, por Caco Galhardo; *A relíquia* (2007), de Eça de Queirós, por Marcatti; *O Corvo em quadrinhos* (2009), baseado na obra de Edgar Allan Poe, por Luciano Irrthum; *O cortiço* (2009), por Rodrigo Rosa e Ivan Jaf, e *Os demônios* (2010), por Eloar Guazzelli, ambos de Aluísio de Azevedo; *A Divina Comédia em quadrinhos* (2011), por Piero Bagnariol; *O auto da barca do inferno* (2011), de Gil Vicente, por Laudo Ferreira; *Os Sertões – A Luta* (2011), de Euclides da Cunha, por Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa; *O ateneu* (2012), de Raul Pompeia, por Marcello Quintanilla, entre outros. Machado de Assis figura como o autor mais procurado pelas adaptações em quadrinhos na atualidade. A *O alienista* (que teve quatro adaptações) somam-se *Conto de escola* (2011), *Dom Casmurro* (2012) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2014).

Uma nova tendência parece estar se consolidando. Nas décadas de 1940 e 1950, período em que a Ebal publicava a sua *Edição Maravilhosa*, reverenciava-se, especialmente, o escritor e o cânone literário. Atualmente, à medida que os quadrinhos alcançam um novo patamar enquanto linguagem gráfica, dá-se atenção à atividade autoral

do quadrinista, levando em conta originalidade e força expressiva, bem como a releitura que propõe. Além disso, se antes a Ebal visava à popularização dos clássicos, o objetivo dos editores hoje é claramente voltado para o mercado educativo (BARROSO, 2013, p. 97; 98).

Para além das adaptações de obras literárias, a produção nacional de quadrinhos tem se dedicado a interessantes álbuns que tocam em temas das ciências humanas. Em 2007, foi lançado *D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil*, com roteiro, pesquisa e desenhos do cartunista Spacca e supervisão da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. Em 2014, a dupla publicou a versão em quadrinhos de *As Barbas do Imperador*, baseado na obra homônima de Schwarcz sobre a história de D. Pedro II. De certo modo, no entanto, talvez essas revistas também possam ser entendidas como adaptações, uma vez que ambas buscam seu argumento na obra da pesquisadora, que lhes serve de fundamentação.

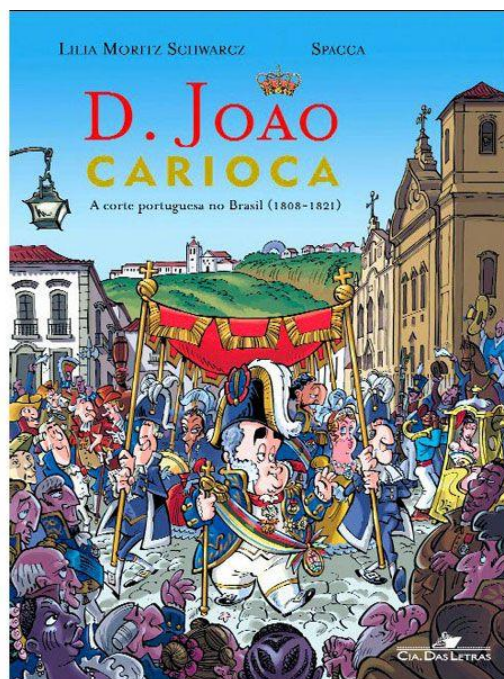


Figura 2 – Capa de “D. João Carioca”.

Fonte: SCHWARTZ, Lilia Moritz; SPACCA. *D. João Carioca. A Corte Portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

4. E os quadrinhos de divulgação científica? ...

Segundo Tatalovic (2009), os quadrinhos produzidos especificamente para a divulgação científica são ainda, a grosso modo, ignorados pela academia. Em nosso estudo, realizamos um levantamento desse tipo de produção, cujo objetivo central é divulgar a ciência ou educar o leitor sobre conceitos ou temas científicos.

No Japão, destacamos os mangás de ciência produzidos pelo *Solar-Terrestrial Environment Laboratory* (STEL), em parceria com a Universidade de Nagoya, e publicados com a cooperação da *Kodomo no Kagaku*, que se traduz por “ciência para crianças”, revista mensal destinada ao público juvenil que tem promovido a educação científica desde a sua edição inaugural, em 1924. Os mangás do STEL enfocam temáticas relacionadas ao meio ambiente, abarcando áreas como a física, a química e a biologia.

Inúmeros outros exemplos saltam à vista, como a renomada *História do universo em quadrinhos*, do cartunista e divulgador científico norte-americano Larry Gonick, um dos primeiros a se dedicar a obras educacionais. *The adventures of Archibald Higgins*, criada pelo astrofísico francês Jean-Pierre Petit, dedica-se a temas variados, como as teorias da relatividade e do *Big Bang*, e os buracos negros; assim como a série online *PhD Comics*, de Jorge Cham, que em uma edição recente explorou o bóson de Higgs, em *The Higgs Boson explained* (<http://www.phdcomics.com>).

Na vizinha Argentina, o quadrinho “Luz, Cámara, Ciencia: Exploradores de la UNC” foi apresentado na *Feria del Libro Córdoba 2013*. Trata-se de um relato ficcional sobre as viagens de um professor de física, um cinegrafista, uma geóloga e um estudante por diversas áreas do Mediterrâneo, com o objetivo de realizar uma série de documentários. Também em 2013 foi lançado o primeiro concurso nacional de *Historietas de Divulgación Científica*, com tema livre dentro das áreas de biologia, química, física, matemática, astronomia, engenharia e tecnologia.

Embora inúmeros quadrinhos de divulgação científica tenham sido produzidos, em diversos países, nas últimas décadas, poucas revistas do gênero são publicadas em nosso país. Concluimos tratar-se de um campo escassamente explorado no Brasil. O único diálogo

aparente entre os quadrinhos brasileiros e a ciência, contudo não o único possível, vem sendo travado com as Humanidades, em detrimento do contato com outras áreas do conhecimento. Talvez uma das únicas exceções seja a revista *Ombros de gigantes* (2011), roteirizada pelos astrofísicos Annibal Hetem Junior e Jane Gregório-Hetem, com desenhos do alagoano Marlon Tenório. Publicada pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a revista é distribuída como material paradidático na rede pública de ensino, para estudantes de ensino médio. Seu objetivo é promover o aprendizado de conceitos básicos de física e história da ciência com o intuito de estimular a popularização da astronomia. Talvez essa carência de uma produção voltada especificamente para a divulgação científica seja sintomática da própria situação das ciências em nosso país.

REFERÊNCIAS

BARROSO, F. A.. Quadrinizar a literatura ou literalizar o quadrinho? In: GUERINI, A.; BARBOSA, T. (orgs.). **Pescando imagens com rede textual: hq como tradução**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

BORGES, R. F.; VERGUEIRO, Waldomiro. Classics Illustrated: o legado de um projeto cultural. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D.. **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

CASADEI, E. B.. A construção da identidade nacional na série grandes figuras em quadrinhos da EBAL. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. (orgs.). **Interseções acadêmicas: panorama das primeiras jornadas interacionais de histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2013.

GOCIOL, J.; ROSEMBERG, Diego. **La historieta argentina: una historia**. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2003.

HONORATO, B.; PIEDADE FILHO, L.. **Ciência não é um bicho de 7 cabeças: Potencial dos quadrinhos de divulgação científica**. 2010. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Jornalismo Científico) – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2010.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
18 a 21 de agosto de 2015
Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo

OLIVEIRA, C.. Quadrinhos, literatura e um jogo intertextual. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D.. **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

TATALOVIC, M. Science comics as tools for science education an communication: a brief, exploratory study. **Journal of Science Communication**, 18 nov. 2009, p. 1-17. Disponível em: <<http://jcom.sissa.it/>>.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N.. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.

ZENI, L.. Adaptação em quadrinhos como tradução. In: RAMOS, P.; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D.. **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.